

OS DESVARIOS DA ALMA E OS CONTRA-SENSOS DO CORPO¹

*Nadiá Paulo Ferreira**

RESUMO:

Como o analista deve se posicionar diante de uma demanda e como deve conduzir o tratamento? Lacan nos ensina que o analista deve conduzir o tratamento para o bem-dizer e que, para isto, é preciso se orientar no inconsciente, na estrutura. Mais tarde, depois dos anos setenta, dirá que é preciso o sacrifício de uma parcela do gozo, para que o sujeito possa se posicionar como desejante. Aqui, o tratamento se dirige para mais além do bem-dizer e visa o bem-conviver com o Sinthoma [S(%)].

PALAVRAS-CHAVE: Tratamento. Demanda. Desejo. Gozo. Bem-dizer.

¹ Trabalho apresentado em *Convergência – Movimento Lacaniano para a Psicanálise*. IV Congresso Internacional em Buenos Aires. A experiência da psicanálise. O sexual: inibição, corpo e sintoma. 8, 9 e 10 de maio de 2009.

* Psicanalista do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro/CFEPRJ. Professora Titular de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Rua Barão da Torre, 206/101. Ipanema. Rio de Janeiro. RJ. CEP: 22411-000. Tels: (21) 22672931/(21) 93946026.

Camilo Castelo Branco (1825-1890), um dos expoentes do romantismo português, sabia que a tristeza não era um estado d'alma, mas uma falta moral que se abate sobre o corpo. Silvestre da Silva, o anti-herói do romance *Coração, Cabeça e Estômago* (1862), se entrega às delícias do coração e se apaixona por Marcolina: “a mulher que o mundo despreza”. Tísica, já se despedindo da vida, Marcolina adquire o valor imaginário de objeto do desejo — i(a), ou seja, a outra metade que complementaria o que estava faltando ao ser de Silvestre. A morte da amada lança Silvestre numa tristeza profunda, que afeta seu corpo: “Senti o vácuo; era no peito que o sentia.” (BRANCO, 1967, p. 136). Então, decide se “dobrar” ao engodo das “leis austeras da razão” e se submeter ao desejo do Outro: “Quis moldar-me ao viver que o mundo ama” (Ibid., p. 246). É óbvio que, aqui, entra em cena o ideal romântico, em que a virtude do homem se opõe aos vícios do Mundo (Outro).

No embate, em que as forças do mundo sobrepujam as do homem, a ficção romanesca enaltece o sacrifício heróico, desprezando qualquer alternativa. Lacan, tecendo comentários sobre esses “desvarios da alma romântica”, afirma que eles se aproximam da sensibilidade infantil.² Porém, nosso personagem não se comporta e nem é tratado pelo autor como um herói romântico. Em vez de “morrer-de-amor”, escolhe o jornalismo com dois objetivos: arrumar uma rica herdeira para casar e, em Nome-da-Razão, fazer justiça, desmascarando os falsos “homens de bem”. Além de ser preso, recebe o epíteto de “caluniador convicto” e é obrigado a se retirar da cidade.

Então, decide, abandonar a causa pública e se dedicar aos prazeres da carne, melhor dizendo, da boca. É nomeado regedor, vence as eleições para a câmara, recebe o hábito de Cristo e se casa com Tomásia. Melhor paradigma para ilustrar a renúncia do desejo e do amor é impossível. Nem amada, nem desejada, Tomásia, a esposa, era burra (“de

² Lacan, em *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (p. 178), estabelece a relação do espírito romântico com a sensibilidade infantil, identificando-a com a “sensibilidade bovariana”, que é um dos traços que caracterizam a psicose paranóica.

entendimento era escura”); saudável (“nunca estivera doente”); masculinizada (“os pulsos eram duma cana só, como lá dizem para exprimirem a força”, e “Cada palma da mão parecia uma lixa”); e suja (“elogiar-lhe os cuidados das unhas seria adulação indigna de minha sinceridade”) (BRANCO, 1960, p. 524-525). Silvestre, torna-se, enfim, um cidadão respeitável, cujas atividades intelectuais se restringem à leitura de *Fisiologia do Paladar* de Brillat-Savarin e ao poema de Bouchet, intitulado “Gastronomia”. Fora isto, o que não é pouca coisa, não pára de comer, engorda feito um porco e morre de indigestão.

A estória de Silvestre é uma alegoria da morte do sujeito desejante. Entre a ética que se fundamenta no desejo, e o imperativo moral que rechaça o inconsciente, é feita a escolha pelo gozo dos sintomas (*symptômes*). Assim, o que não passa pelo dizer — e isto, desde Freud se chama recalque — só pode retornar ao real do corpo como chagas que não param de sangrar.

Vamos imaginar Silvestre fora das páginas de ficção, indo procurar um analista. Como o analista deve se posicionar diante de uma demanda e como deve conduzir o tratamento? Em um primeiro momento, Lacan (1993, p. 44) nos ensina que o analista deve conduzir o tratamento para o bem-dizer e que, para isto, é preciso se orientar “no inconsciente, na estrutura.” Mais tarde, depois dos anos setenta, Lacan dirá que é preciso o sacrifício de uma parcela do gozo, para que o sujeito possa se posicionar como desejante. Aqui, o tratamento se dirige para mais além do bem-dizer o sintoma e visa o bem-conviver com o Sinthoma — S(%).

Trata-se de um percurso, onde o analista empresta seu corpo, não seu ser,³ para servir de âncora à fantasia do analisando. Para ocupar e sustentar este lugar, *o analista não pode ter contas a prestar com seu ser* e deve se sustentar no desejo do analista: desejo de causar desejo para que o analisando possa nomear e reconhecer o seu desejo.

³ Abrir mão do ser, isto é dos seus significantes, coloca em cena a ética da psicanálise: o desejo do analista.

O analista não pode se encantar com a fantasia que o analisando constrói sobre seu ser e deve saber o lugar que lhe é dado como semblante na transferência. Deve, ainda, introduzir o equívoco na fala do analisando, sem o qual as certezas cristalizadas e inquestionáveis não são desfeitas. Essa intervenção só adquire valor se o analista não se colocar no lugar que lhe é outorgado pelo amor de transferência. Se este amor se dirige a um suposto sujeito que sabe, o analista deve intervir de outro lugar.

Quando alguém decide procurar um analista, isto não significa que queira saber do seu desejo, mas sim que o gozo, retirado do sofrimento, se tornou insuportável. Como me disse uma vez um analisando: — “Não aguento mais carregar essa cruz. É mais pesada do que a de Cristo no Calvário.”

Sem abrir mão do gozo de seus sintomas, o sujeito não pode se confrontar com o desejo. Para isto é preciso reconstruir sua história até se aproximar da cena, onde elaborou ficções que o encarceram numa posição fantasmática. É preciso, ainda, dar um passo a mais: transpor esta cena e levantar o véu, que encobre sua posição de objeto em relação à significação que fabricou sobre o desejo e o gozo do Outro.

Trata-se do que Lacan chamou de travessia da fantasia fundamental: a experiência na própria carne com o gozo retirado de suas renúncias, oferecendo-se ao Outro para ser amado e gozado. Do outro lado da cena, para além dessa imagem, aparece, com toda sua magia, o véu de maia⁴, com a função de velar o vazio e de possibilitar a produção de novas ficções, sustentadas pelo desejo. Trata-se de desfazer um quiproquó para que o sujeito possa fazer uma escolha ética: ceder ao gozo dos sintomas e iniciar viagem nas trilhas do seu gozo, tendo como horizonte o desejo de desejar.

⁴ Essa expressão aparece em *Escritos*, no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, e nos seguintes seminários: *A relação de objeto*, 1956-57, e *As formações do inconsciente*, 1957-58.

REFERÊNCIAS

BRANCO, C. C. *Obra seleta*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960. 2 v.

FREUD, S. (1937). “Análisis terminable e interminable”. In *Obras Completas*. Madrid: 1973, 3 vol., vol. III.

LACAN, J. (1956-57). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. (1957-58). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. *Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MADNESS OF THE SOUL AND THE PARADOX OF THE BODY

ABSTRACT:

How would his analyst behave? How would he lead the treatment? Firstly, Lacan teaches us that the analyst should conduct the treatment for the well saying, meaning that it is necessary to consider “the unconscious, in the structure”. Later, after the seventies, Lacan will say that it is necessary to sacrifice a portion of enjoyment in order the subject assumes the desiring position. Here, treatment goes beyond well saying aiming a pleasant leaving with Sinthome [S(%)].

KEYWORDS: Treatment. Demand. Desire. Enjoyment. Well sayong.

LES FOLIES DE L'ÂME ET LES PARADOXES DU CORPS

RÉSUMÉ:

Comme l'analyste doit se positionner face à une demande ? Comme doit-il conduire le traitement? Tout d'abord, Lacan nous apprend que l'analyste doit conduire à un traitement pour le bien-dire et que nous devons être guidés dans l'inconscient, dans la structure. Plus tard, après les années soixante-dix, il dira qu'il faut le sacrifice d'une partie de la jouissance pour le positionnement du sujet comme désirant . Ici, le traitement il est dirigé à plus de bien-dire le symptôme en cherchant une convivialité agréable avec le Sinthome [S(%)].

MOTS-CLÉS: Traitement. Demande. Désir. Jouissance. Bien-dire.

Recebido em 18/05/2009

Aprovado em 06/06/2009

© 2009 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura
Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos
Juiz de Fora, MG - Brasil
Tel.: (32) 2102 3117

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista